

São velhos barracos em Candangolândia, por exemplo: não há diversão - tora o bar -, mas os pioneiros querem uma terra lá mesmo

O CANDANGO, 20 ANOS DEPOIS

A luta pela fixação na terra

Ficar nos acampamentos onde nasceu Brasília - eis a ambição de homens simples no aniversário

AVELINO DO VALE

A fixação dos acampamentos, com a propriedade dos lotes correspondentes às casas onde moram, é a esperança que 20 anos depois da inauguração de Brasília os operários que a construíram, os candangos, estão transformando em reivindicação, a ser apresentada ao governador Aimé Lamaison, ainda este ano, no Acampamento da Metropolitana, expressando o anseio dos que chegaram ao Planalto antes que se iniciasse a história de Brasília.

Os acampamentos se constituíram nos primeiros núcleos urbanos do Planalto Central, formados pelos operários que ocorreram para a obra de construção da nova capital. Lugar de permanência provisória, que foram mantidas após o prazo para serem desfeitos, 21 de abril de 1960, dadas às necessidades de moradia, acabaram dando origem às cidades-satélites, que não constavam dos planos originais.

Na Candangolândia, Velhacap, DAE, Parque do Guará, Acampamento da Metropolitana, como nas cidades que originaram, os candangos vivem a alegria pelos 20 anos da cidade. A data faz com que falem de Brasília como uma cidade cuja história vem ligada às suas próprias histórias de vida, orgulhosos pela condição de pioneiros, como Benedito Antunes da Rocha, um mineiro de Paracatu com 58 anos de idade que chegou ao Planalto a 9 de novembro de 1956, conforme recorda com precisão. Benedito acha "belíssimo" o tempo em que trabalhou para a construção de Brasília: "Trouxe mulher e quatro filhos. Hoje tenho 14 filhos e acho uma beleza". Eu vim trabalhar como operário porque não tinha vaga para oficial - eu era motorista - eu vim trabalhar mesmo na picareta, encher caminhão, essas coisas... Depois, pra fazer o campo - até não gosto de falar... - do nosso grande Juscelino Kubistchek, no Catetinho, o primeiro campo pra ele descer".

A alegria com que aborda o tema Brasília é seguida de um comentário jocoso de Benedito, no momento em que ouve a referência de pioneiro para si: "Piotário... Piotário..." Ele explica porque se autodenomina "piotário": "Eu falo com consciência, porque a gente não teve esse direito que os vindouros, depois de construída Brasília, arranjaram apartamento... E até hoje a gente mora num barraco, até hoje, esperando a boa vontade dos nossos dirigentes para enxergarem a necessidade dos próprios "piotários" que vivem aqui, pra entregarem um lote aqui pra gente". Benedito diz que não quer um lote em qualquer lugar, mas sim no Acampamento da Metropolitana, justificando sua vontade: "Eu morei aqui, dentro desse acampamento, em vários lugares. Primeiro no fundo do almoarifado que existia aqui. Depois fui para um barraco de lona. Inclusive tenho essa filha que está aí - oh, Vera! - essa menina foi nascida dentro de um barraco de lona, era um barraco de lona com



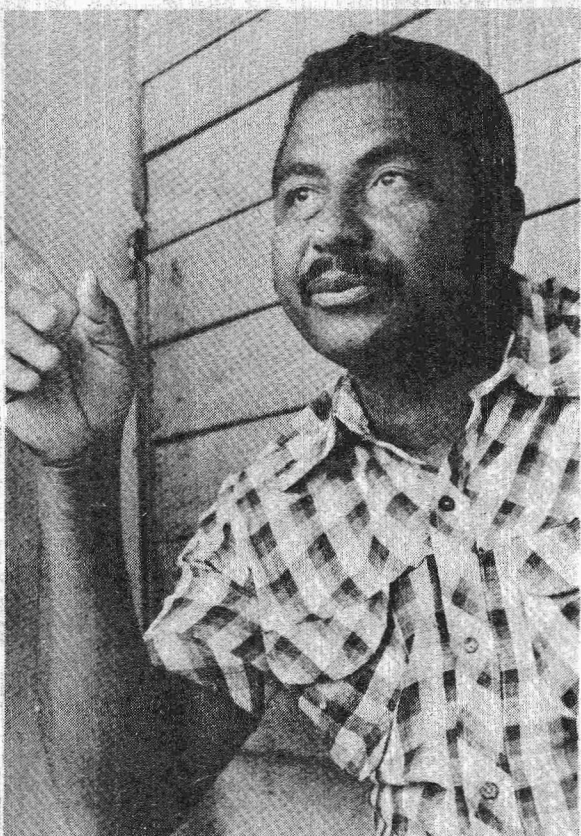
D. Maria lamenta o estado do lugar

um pedaço de tambor... Ela nasceu dentro do barraco no dia 1º de fevereiro de 58. Depois fui para uma outra casa, na beira do córrego. Depois fui para uma outra, depois fiz uma lá, ali, na... Não sei a rua. E hoje moro aqui. Já morei em várias ruas, mas só aqui dentro, nunca me mudei daqui".

O LOTE

Os candangos explicam que não se inscrevem na Shis porque ela não constrói no Acampamento da Metropolitana. João Quirino de Brito que gosta de ser chamado de "Joca da Viola", baiano de 46 anos, barbeiro e compositor, chegou em 61, fala na importância do lote como meio de fixação: "Eu quero aqui, eu não quero essa casa, eu quero um lote. Se puder dar, bem... Se não puder, pra mim... Eu me arrango aqui. Dado, ou pago, de qualquer maneira eu quero. Benedito, amigo de "Joca", completa: "Hoje eu estou aposentado, graças a Deus... Não posso reclamar de nada do governo, a não ser a falta do lote. Toda a vida fui beneficiado, de acordo com meu método de serviço. Eu me ligo mais aqui, mais do que no meu lugar de origem... Aqui é uma estória histórica do brasileiro".

A preocupação com o lote é uma constante em todos os acampamentos. Nos que são situados dentro da área do Jardim Zoológico de Brasília, Candangolândia, Velhacap, DAE, Parque do Guará, a insegurança é maior. Esses acampamentos não têm a condição ressaltada por Benedito ao se referir ao da Metropolitana, quando opina no sentido de que "deveria" haver a preservação: "Deveriam ser preservados, alguns. Em primeiro lugar, acampamento mesmo, só o da Metropolitana, não é porque eu moro aqui. É porque está numa área deixada, descuidada. Porque tem o



Enedino: "Já morei em tudo o que é lugar daqui"

acampamento do DAE - tá lá dentro do Jardim Zoológico. Tem a Velhacap, tem a Vila Planalto, que é lá dentro do "foco". Do foco como? "Do Plano Piloto, do foco do Plano Piloto" - explica Benedito - "onde não pode existir plano de acampamento. Ali é área de clube, é isto, é aquilo outro... Tem que acabar. A Velhacap tem que acabar porque é dentro do Zoológico. O DAE também. Existia a Coen, acabou. A CCBE, também acabou. Era aqui dentro do aeroporto. Agora, isto, é uma área clandestina reservada, que nunca teve para quem desse. Então, nesse caso, tem que dar pra nós".

Benedito não é indiferente à sorte dos moradores dos demais acampamentos: "Pode vir dos outros pra cá. Lotear. Por exemplo, do DAE, da Velhacap, pode se acumular aqui na Metropolitana, que foi o primeiro acampamento. Trazer esse povo que está lá dentro do Zoológico, povo que cabe, lotear e pronto, acabou... Aí está resolvido".

"É o Núcleo Bandeirante, não precisa ser o nome da Metropolitana, é o Núcleo Bandeirante, certo?" - diz Antonio Belo, cearense do Cariri, de 42 anos, desde 1956 no Planalto, hoje aposentado da vida de operário de construção civil e topógrafo.

A HISTÓRIA, PELOS PIONEIROS

"Brasília deixa para trás sua adolescência, pode começar e olhar para si e a assumir-se criticamente. Ainda é tempo, por exemplo, de salvar e recuperar alguma coisa da memória desta cidade. Está na hora de se propor e promover - respeitando evidentemente os seus habitantes - o tombamento pelo Patrimônio Histórico dos acampamentos ainda existentes. Não é por-

Vila Planalto, diretamente pela Novacap, considera que, apesar de estar dentro do Zoológico, o acampamento representa um núcleo urbano histórico. E, como tal, deveria ser preservado. Ela lamenta o estado precário em que se encontram as ruas de chão batido que ligam Candangolândia à estrada Brasília-Belo Horizonte, às proximidades do Núcleo Bandeirante, área em que ficam os demais acampamentos em área pertencente à Fundação Zoobotânica. Sem iluminação e estreitadas pelo mato, as ruas refletem o abandono, como a igreja.

POLITICOS PODEM AJUDAR

Na opinião dos operários, a representação política para Brasília pode vir a se tornar fator decisivo para a preservação dos acampamentos. Essa é opinião generalizada. Em sua raiz, está, historicamente, o movimento que resultou na fixação e urbanização do Núcleo Bandeirante. A comunidade que habitava esse acampamento, inicialmente denominado Cidade Livre, uniu-se pela sua manutenção. Para isso, adotou uma estratégia: "Ir atrás dos deputados, dos senadores, de ministros dos seus Estados. E com isso nós lideramos e veio a fixação. Aí veio a Lei 4020. Ela veio no fim de 61 e foi publicada no Diário Oficial de 8 de janeiro de 62. Aí oficializou como cidade-satélite. De modo que é a única cidade-satélite oficializada por Lei assinada, sancionada pelo Congresso e assinada pelo Presidente da República, é o Núcleo Bandeirante. Que as outras tudo foi criada por portarias. Na época, nossa campanha mais séria foi na saída do Juscelino e na entrada do Jânio. Porque o Jânio, quando fez campanha política, prometeu para angariar voto, prometeu transformar o Núcleo Bandeirante em uma verdadeira Vila Maria. Mas quando ele foi pra Presidência ele aderiu ao mesmo plano que tinha Israel Pinheiro, de acabar com o Núcleo Bandeirante". Quem fala assim é um mestre-de-obras, líder da época do Movimento Pró-Fixação e Urbanização do Núcleo Bandeirante, citado por Gustavo Ribeiro.

"Basta dizer o seguinte" - lembra, ainda, o mestre-de-obras - "nós conseguimos uma coisa que é difícil de conseguir em qualquer Congresso: conseguir a urgência urgentíssima para ser votado o processo. Então nós conseguimos isso por causa do trabalho de equipe, de liderança, que nós fizemos junto aos parlamentares da nossa região. Nós levamos e fomos vitoriosos e vencemos".

"Joca da Viola", como Benedito, Antonio e outros candangos ouvidos para esta reportagem, não está definido por nenhum dos partidos políticos existentes. Mas todos opinam a favor da eleição de governador e vereadores no Distrito Federal, além de deputados federais e senadores, como está sendo proposto pelo deputado federal Epitácio Cafeteira, do PMDB, no mais recente projeto de emenda à Constituição.

que são de madeira que são menos importantes. Pelo contrário. Se abandonarmos a perspectiva atual de pouco mais de 20 anos, podemos ver que para gerações futuras a presença mesmo de conjuntos inteiros que retratem a organização da vida na época da construção da Capital federal do Brasil representará, além do inestimável valor histórico, a certeza de que nós hoje não faltamos com o compromisso de manter viva a memória deste país". Essa é a proposta do antropólogo Gustavo Lins Ribeiro apresentada no livro "Brasília - Vinte Anos", trabalho conjunto com 35 fotógrafos, que documentaram a história da cidade. A proposta reforça o anseio dos operários pioneiros.

"Esta casa é da Novacap" - diz Benedito, referindo-se à Terracap - "é do governo. Quer dizer, a gente mora aqui, mas o terreno é do governo...".

Na Velhacap, diante do fato de estar o acampamento em área pertencente à Fundação Zoobotânica do Distrito Federal, que administra o Zoológico, a ligação ao local que habitam desde a época anterior à existência de Brasília, a preocupação é mais acentuada que a simples esperança de vir a obter a propriedade sobre o lote de terra. Enedino Marinho dos Santos, goiano de Taguatinga, 43 anos de idade, chegou ao Planalto há 22 anos, recorda: "Só aqui dentro tem 20 anos que eu moro. Eu morava na frente, onde era o galpão da companhia, a Novacap, morei muito tempo nesse alojamento, depois, quando foram saindo os engenheiros, veio uma turma de operários, foram ocupando, há uns 15 anos mais ou menos".

Dona Maria, 70 anos de idade, moradora da Candangolândia, "construída, como a Velhacap e a